

A VIRTUDE E A FELICIDADE EM ARISTÓTELES

Rui Rossi dos SANTOS
ruirossi@ruirossi.pro.br
<http://ruirossi.pro.br>

RESUMO

O desejo de compreender o que é a felicidade perpassa toda a história da humanidade. O presente artigo apresenta a visão de um filósofo que viveu há mais de dois milênios: Aristóteles. Procurar-se-á analisar como ele concebe a felicidade a sua relação com a virtude. Diversos conceitos serão explorados para se atingir esse objetivo. O bem, o sumo bem, a finalidade, a disposição, a mediania, a voluntariedade e a escolha são alguns dos conceitos analisados dentro desse contexto.

Palavras-chave: ética; moral; ação voluntária.

1. Introdução

O principal objetivo da investigação aristotélica acerca da ética não é a produção de conhecimento teórico sobre este tema, pois Aristóteles não está interessado apenas em saber o que é a virtude. O que ele deseja, em última instância, é analisar a natureza dos atos humanos para indicar como estes atos devem ser praticados. A virtude é importante, nesse contexto, porque é ela que torna um homem bom.

A doutrina da virtude de Aristóteles mantém uma relação inseparável com o seu tratado acerca da felicidade. Por esse motivo, é preciso explorar tanto o conceito de virtude quanto de felicidade para se chegar a uma compreensão acerca de sua investigação sobre a ética.

Ademais, outros conceitos importantes também precisam ser incluídos nesta análise. Este é o caso dos conceitos de bem, de sumo bem e de finalidade. Sem o entendimento destes conceitos, não é possível compreender o que Aristóteles entende por felicidade. Por outro lado, a compreensão dos conceitos de disposição, de mediania, de voluntariedade e de escolha é imprescindível para entender o conceito aristotélico de virtude.

No presente texto, procurar-se-á explorar o significado de cada um destes conceitos e colocar-se-á em relevo as relações existentes entre eles. O objetivo central é explorar o significado de virtude para Aristóteles e evidenciar as relações que este conceito mantém com os demais conceitos supracitados na estrutura teórica desenvolvida por ele.

2. Tipos de virtude e suas origens

Aristóteles faz distinção entre dois tipos de virtude: a virtude intelectual e a virtude moral. A

primeira é desenvolvida através do ensino e requer experiência e tempo. A segunda é adquirida pelo hábito e é nesta que repousa o interesse da investigação aristotélica.

É essencial compreender, nesta etapa preliminar, porque Aristóteles entende que as virtudes morais são adquiridas pelo hábito. Ao afirmar isso, ele nega que uma virtude moral possa existir em função da natureza humana. Vale ressaltar que um homem dotado de virtudes morais é o que pode ser chamado de homem virtuoso e de homem bom.

O fato é que um homem não pode ser julgado bom ou mau por aqueles comportamentos que apenas refletem o que é próprio de sua natureza. Assim, o ato de respirar não torna um homem bom e tampouco mau. O ato de respirar é um comportamento natural e, portanto, caracteriza-se como um comportamento necessário. Não é facultado ao homem escolher entre respirar ou deixar de respirar. Ele já nasce com mecanismos naturais que o impelem a fazê-lo e ele nada pode fazer para mudar isso.

Por outro lado, há comportamentos que todo homem pode manifestar ou deixar de fazê-lo. São comportamentos que não são determinados pela natureza humana e, portanto, não se revestem do caráter de necessidade. Sobre estes comportamentos, o homem é capaz de deliberar e de ter algum tipo de controle. É esta categoria de comportamentos que se encontram no escopo da moral e que caracterizam tanto a virtude moral quanto o seu oposto, o vício. O ato de mentir não é um comportamento imposto pela natureza humana e, portanto, não é um comportamento necessário. Um homem pode tanto mentir quanto falar a verdade e o que ele fará dependerá de sua própria deliberação.

Aristóteles indica uma regra bastante clara para identificar o que é próprio da natureza humana e o que está no âmbito da moral. Tudo o que é próprio da natureza humana se manifesta primeiro

como potência e depois como atividade. Esse é o caso dos sentidos da visão e da audição, que são possuídos enquanto potência antes mesmo de serem utilizados. As virtudes, por outro lado, precisam ser adquiridas pelo exercício. Desse modo, assim como homens tornam-se arquitetos construindo, só se tornam justos praticando atos justos. Não há um homem que seja justo apenas enquanto potência.

Assim como nas artes, toda virtude é produzida e destruída pelas mesmas causas e efeitos. No caso das artes, tanto os bons quanto os maus construtores são formados durante a atividade de construção que é exercida por homens. No caso da virtude, os homens podem se tornar justos ou injustos nas relações que mantém com outros homens.

Em função do que fora exposto, Aristóteles sustenta que nenhum tipo de virtude pode ter sua origem na natureza humana. Tanto a virtude intelectual quanto a virtude moral são desenvolvidas, sendo que a primeira delas desenvolve-se através do ensino e a segunda desenvolve-se através do exercício continuado.

3. O conceito de virtude moral

Para Aristóteles, a virtude moral é uma disposição que visa à mediania. Isso significa que ela pertence ao gênero das disposições e que se caracteriza especificamente como aquela disposição que leva o homem a comportamentos moderados.

Para construir este conceito de virtude, Aristóteles divide tudo aquilo que se apresenta à mente humana em três espécies de coisas: paixões, faculdades e disposições. As paixões são todos os sentimentos que podem aflorar em quaisquer homens. As faculdades representam as capacidades que os homens possuem por natureza, inclusive a de sentirem as paixões. Tanto as faculdades quanto as paixões, em si mesmas, são naturais ao homem e, portanto, não podem ser utilizadas como critério para julgá-lo bom ou mau. Restam apenas as disposições e é aqui que reside a virtude moral. As disposições representam estados de caráter e definem o modo como o homem utiliza suas faculdades e como ele se relaciona com suas próprias paixões. A virtude moral pertence, pois, ao gênero das disposições do homem.

Depois de identificar o gênero a que pertence a virtude moral, Aristóteles ainda indica a que espécie de disposição ela pertence. Este deve ser um tipo de disposição que torne o homem bom e o leve a desempenhar bem a sua função. Segundo ele, trata-se daquela disposição que visa à mediania.

A virtude é um tipo de mediania porque visa o meio-termo. Entretanto, há dois diferentes significados para meio-termo: o meio-termo relativo ao objeto (*métron*) e o meio-termo relativo ao homem (*mesótis*). O primeiro significado representa um ponto equidistante entre dois extremos e é um e

o mesmo para todos os homens (um exemplo disso é o número seis como meio-termo entre os números dois e dez). O segundo significado indica somente um ponto variável entre dois extremos e que pode ser diferente para diferentes homens. Do fato de dez porções serem demais para a alimentação de um homem e de duas serem pouco, por exemplo, não decorre que seis porções devam ser prescritas. De fato, seis porções pode ser pouco para alguns e muito para outros.

A virtude moral deve ser uma disposição que vise o meio termo no que diz respeito às paixões. Neste contexto, o vício é caracterizado tanto pela insuficiência quanto pelo excesso de qualquer paixão. Por exemplo: o homem que cede a todos os prazeres torna-se intemperante e aquele que evita todos eles torna-se insensível. Por esse motivo, a virtude reside em sentir as paixões nos momentos certos, relacionando-as aos objetos certos, dirigidas às pessoas certas, pelo motivo certo e do modo correto.

4. O bem e a felicidade

Segundo Aristóteles, qualquer arte, investigação, ação e escolha visam a algum bem. O bem é, pois, aquilo a que todas as coisas tendem, ou seja, a sua finalidade. Desse modo, pode-se inferir que há tantos bens quantos sejam os fins existentes. Por exemplo: o bem da medicina é a saúde e o bem da construção naval é o navio.

Dentre os fins, há atividades e também os produtos derivados delas. A relação de dependência que se estabelece entre os fins forma uma espécie de hierarquia na qual alguns fins são perseguidos apenas como meios de se atingir outros fins mais elevados. É o caso da salaria e das ações militares, que possuem seus próprios fins particulares mas se unem junto a outras artes para compor uma nova arte com fim próprio mais elevado: a estratégia.

O bem do homem é realizar a sua função e deve ser algo que lhe é próprio. Disso exclui-se sua vida de nutrição e crescimento porque é algo que também está presente nas plantas. Também se exclui a vida de percepções porque esta é comum aos animais. Resta ao homem uma função que não está presente nas plantas e tampouco nos animais: exercer sua atividade racional. O exercício desta atividade é, pois, o bem próprio do homem.

Entretanto, Aristóteles afirma que há um fim que é perseguido por ele mesmo: o sumo bem. Trata-se de um bem absoluto e incondicional e que deve ser buscado por si mesmo. Ele representa o final deste encadeamento de fins. No homem, o conceito de sumo bem é exatamente o mesmo de felicidade: ela é procurada sempre por si mesma e nunca com vistas a outra coisa. A felicidade é algo absoluto e auto-suficiente, sendo a finalidade última de qualquer ação humana. Desse modo, o bem se

identifica com a felicidade. Ela é o mais alto de todos os bens que se pode alcançar pela ação.

Mas o homem somente atinge a felicidade se realizar com excelência a função que lhe é própria. Para isso, ele precisa exercer sua atividade racional em consonância com a virtude. Além disso, se houverem várias virtudes, ele deve exercer tal atividade em conformidade com a melhor e mais perfeita. Não bastasse isso, deve sentir prazer em praticar as ações virtuosas. Assim, a felicidade é uma atividade conforme à virtude perfeita.

5. A ação voluntária e a escolha

A virtude mantém uma relação estreita com as paixões e com as ações. As paixões são sofridas pelo homem e a virtude reside na forma como ele lida com elas: através de uma disposição para a mediania. Do mesmo modo, as ações do homem virtuoso também devem ser conduzidas por esta mesma disposição.

Aristóteles faz uma distinção importante entre as ações voluntárias e as involuntárias. As primeiras são aquelas cujo princípio motor estão dentro do próprio sujeito da ação e as segundas são aquelas cujo princípio motor estão dentro dele.

Uma ação involuntária nunca deverá ser alvo de louvor e tampouco de censura e, portanto, não caracterizarão a virtude e nem o vício. Este tipo de ação ocorre por compulsão ou por ignorância. Este é o caso de uma pessoa que seja levada pela força do vento ou arrebatada por homens mais fortes que ela.

Mas há um conceito que tem muito mais extensão do que o conceito de voluntariedade: trata-se do conceito de escolha. Segundo Aristóteles, crianças e animais inferiores também realizam ações voluntárias, mas não escolhas. A cólera e o apetite estão presentes até em criaturas irracionais.

Ninguém escolhe coisas impossíveis, mas pode desejá-las. A escolha relaciona-se, portanto, a coisas que estão ao alcance do homem e esta distinção é feita pelo uso de sua racionalidade. Assim, pode-se dizer que a escolha é voluntária, mas que nem tudo o que é voluntário resulta de uma escolha.

Observe-se que a escolha envolve o uso da racionalidade enquanto uma ação simplesmente

voluntária não a exige. Disso infere-se que uma ação só é virtuosa se for realizada voluntariamente e se for resultado de uma deliberação racional. O princípio racional é, pois, fator indispensável para a caracterização da virtude.

6. Conclusão

É importante perceber como a doutrina da virtude se entrelaça com o tratado acerca da felicidade na obra de Aristóteles. A felicidade se identifica com a finalidade do ser humano, que é o exercício de sua atividade racional em consonância com a virtude. É, pois, somente através de sua racionalidade que o homem pode se tornar virtuoso e realizar o seu fim e, como consequência, atingir a felicidade.

Um dos aspectos mais notáveis da investigação aristotélica é a coesão existente entre os diversos conceitos que são explorados e como ele constrói suas relações para que formem um tratado sólido e consistente.

É claro que, como o próprio Aristóteles admite, o seu objetivo não é investigar a virtude apenas para produzir um entendimento teórico acerca dela. O que ele realmente deseja é conduzir sua investigação de modo a chegar a um conceito de virtude que possa ser utilizado na prática para tornar os homens melhores.

O conceito de virtude moral como uma disposição da alma que visa à mediania pode ser interpretado como uma indicação de Aristóteles acerca do que deve ser perseguido pelos homens que desejam tornarem-se virtuosos. Além disso, a distinção entre ações voluntárias e involuntárias e a importância acerca da escolha para a caracterização dos atos virtuosos completam esta etapa da investigação aristotélica.

5. Referências

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Abril Cultural, 1984. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross. Coleção Os Pensadores. p. 45-236.